

COMPOSIÇÃO E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL ESCALAS DE PERCEPÇÃO E ANÁLISE

Luis Felipe Valle
luisvalle@uol.com.br

Resumo

Inseridos num contexto cada vez mais desconexo dos espaços públicos e das inflexões sociais, políticas e econômicas características das relações e conflitos que atingem mais comumente as populações marginalizadas, estudantes de classes média e alta tendem a ignorar as dinâmicas de composição e segregação socioespacial – mesmo as que estão prestes em seus restritos círculos de convivência, geralmente reduzidos a condomínios fechados, escolas particulares, clubes de lazer e recreação e shopping centers. O trabalho de análise da composição e segregação socioespacial num desses espaços, um shopping center, possibilita significar a utilização de ferramentas geográficas abarcadas pelos censo demográficos e exemplificar a importância da análise demográfica atrelada ao contexto histórico, socioeconômico e cultural em que está inserida. A escolha do shopping, onde geralmente são ignoradas as interações sociais e relações hierárquicas de poder, exploração e hierarquização, tem por finalidade provocar o estudante a perceber com um olhar crítico e reflexivo a forma materialista, consumista e excludente através da qual as relações econômicas, políticas e culturais moldam o espaço geográfico. Partindo da escala de percepção local, a análise passa a buscar outros espaços e extrapolar aqueles que fazem parte do cotidiano do estudante, provocando-o a pensar de que maneira essas mesmas relações se estabelecem em bairros periféricos de seu município, entre os municípios de seu estado, entre os estados de seu país e de que maneira são influenciados à mesma medida que influenciam a globalização dessa estrutura de poder e dominação através da segregação e da exploração.

Palavras-chave: Práxis, exclusão, demografia

Introdução

Partindo da premissa que o ensino da Geografia vem, nas últimas décadas, passando por constantes aprimoramentos, justificados pela contínua dualidade do conhecimento contemplado por essa disciplina, ora diretamente conectada à natureza, demonstrada na perspectiva lablachiana, ora ancorada no potencial estratégico de tais componentes de acordo com sua função social e potencial de dominação, como apontado por Yves Lacoste (1989), entre outros, recorrer ao trabalho de campo mostrou-se necessário para colocar em prática as hipóteses levantadas acerca do ensino da Geografia no Ensino Médio.



A questão essencial que orientou a prática pedagógica aqui relatada toma certa distância da abordagem mais empírica da geografia enquanto disciplina escolar, restrita ao conteudismo que se observa hoje em tantas instituições de ensino, aproximando-se à eficiência da metodologia aplicada, na expectativa de que, independentemente da visão que se dê à Geografia, seja possível que o aluno perceba-se não somente um elemento externo aos fenômenos e variáveis geográficas estudadas, mas parte ativa e participativa deles.

Inicialmente, a temática da Urbanização e da Industrialização surgiu como oportunidade para estimular nos alunos o exercício de reflexão sobre os processos de transformação do espaço que habitam, levando em consideração não só como são influenciados pelas alterações ao redor, mas de que maneira tornam-se agentes fundamentais em sua consolidação quando percebem seu papel na ordem social em que estão inseridos.

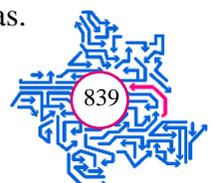
Num esforço de tornar o processo de aprendizagem algo realmente transformador, “emancipador”, como preferia Paulo Freire (1996), sair a campo para a realização de um censo demográfico, ainda que em microescala, foi essencial para validar a premissa indicada por Milton Santos:

Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando incessantemente, para melhor ou para pior em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço) independentes de sua própria condição. Pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação e até o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar onde vivem. As oportunidades não são as mesmas. Por isso a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está. (SANTOS, 1987, p.81)

Pensando que, na maior parte das vezes, o ambiente escolar isola-se da realidade cotidiana dos alunos, tornando-se insensível e desconectado dos acontecimentos simultâneos ao dia-a-dia dos alunos, intensifica-se a mecanização do aprendizado, sobretudo através da repetição que, longe de funcionar apenas como parte inicial do processo ensino aprendizagem, acaba limitando a produção do conhecimento pelo estudante – daí a necessidade de recuperar o contato entre o cidadão, o espaço e o contexto sócio-histórico em que está inserido.

Desenvolvimento

Tendo o estudante como forma básica de colocar-se em contato com seu objeto de estudo – o espaço geográfico – as aulas expositivas num ambiente frequentemente desconectado da realidade estudada, a comunicação e o diálogo tornam-se representativos de realidades mais ou menos distantes, sujeitas a distorções e adaptações interpretativas.



Por melhores que sejam as explicações dadas em sala de aula, ainda que com auxílio de recursos audiovisuais, projeções cartográficas, maquetes etc., a sensação de desconexão entre o aluno e o objeto de estudo amplia-se ainda mais no Ensino Médio, uma vez que grande parte das premissas em que se embasam o ensino formal ancora-se na realização das provas seletivas para as universidades públicas, tornando ainda mais cartesiano e conteudista a abordagem da geografia nas escolas.

Tendo por objetivo provocar os alunos acerca do processo de segregação socioespacial materializada em seu cotidiano, despercebido, entretanto, dadas as referências sociais e culturais a que está exposto, o estágio aqui relatado teve início na exibição do documentário “Hiato”¹, produzido pelo coletivo Gume Filmes² (2008), retratando a manifestação organizada por um grupo de moradores desabrigados a um grande shopping na zona sul do Rio de Janeiro, revelando as relações preconceituosas e racistas dos demais visitantes sob o olhar de especialistas que registram suas impressões sobre o episódio, que foi trazido à tona por evento dos “rolezinhos”, fortemente noticiados pela imprensa tradicional e paralela no final de 2013 / início de 2014.

É importante destacar que a exibição do documentário só foi possível pela disponibilidade de equipamento para projeção multimídia, o que implica numa reflexão sobre as limitações tecnológicas na maioria das salas de aula, obstáculo determinante no formato de aula convencional concebido hoje pela maioria das escolas – cadeiras enfileiradas, lousa e aulas preponderantemente expositivas.

Ao expor aos alunos a que estaria associado o fenômeno de segregação socioespacial, diferentes bases teórico-conceituais foram levantadas, sem, todavia, sobrecarregar os alunos a reflexões densas, papel que cabe ao professor na intermediação e criação de possibilidades para consolidação do desenvolvimento através da zona de desenvolvimento proximal, em concordância com a abordagem pedagógica vygotskyana.

Levando em consideração o objetivo de realizar um trabalho de campo que oportunizasse aos alunos colocar em prática as diferentes ferramentas de análise quantitativa e qualitativa de que dispões a geografia, sem perder de vista a importância do desenvolvimento de um senso crítico e reflexivo que parte da percepção e reconhecimento do indivíduo

¹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=UHJmUPeDYdg>>, acessado em 12/03/2014.

² Em parceria com o Instituto Brasileiro de Audiovisual – Escola de Cinema Darcy Ribeiro.

enquanto parte de um coletivo social, surgiu a necessidade de escolha de um lugar que funcionasse como escala intermediária de percepção e análise frente ao objeto de estudo almejado – a segregação socioespacial.

Mesmo em relação à base conceitual em que se promoveu a discussão acerca da temática, a flexão de uma escala envolvendo grandes centros urbanos, ou mesmo municípios inteiros, estados, países ou continentes – escalas a que os alunos estão condicionados a reconhecer e interpretar de maneira generalista e superficial – resultou na indicação do Shopping Parque Dom Pedro, localizado em Campinas/SP, para desenvolver a atividade de campo. Os centros de consumo representam mais intensamente os processos urbanos, uma vez que “não é o processo de produção e sim o de consumo que mais interessa ao urbano” (VILLAÇA, 1998, p. 42). O *shopping center*, portanto, emerge como possibilidade de reconhecimento dos contrastes e conseqüente segregação, palpável aos alunos, familiarizados com esse ambiente, mesmo que inertes às relações sociais que nele se dão.

Após a exibição do documentário e em adição às percepções prévias dos alunos quanto ao movimento dos “rolezinhos”, na maioria das vezes criminalizado pela imprensa tradicional e duramente criticado pela elite que se apropria dos centros de consumo e locais destinados à população com maior poder aquisitivo, formou-se um debate acerca da dicotomia entre espaços públicos e privados, que pode ser ilustrada pela charge abaixo, escolhida pelos próprios estudantes como a mais relevante na ilustração do processo segregacionista.

A partir da reflexão inicial, o debate acerca da utilização dos espaços públicos e privados naturalmente estendeu-se à dicotomia que se observa em lugares que denunciam os mesmos problemas: bairros ricos e bairros pobres, condomínios fechados e favelas, escolas particulares e escolas públicas, hospitais públicos e clínicas particulares – entre outros exemplos que deram sustentação à teorização de segregação socioespacial que é justamente “a tendência à organização do espaço em zonas de forte homogeneidade social interna e de forte disparidade social entre elas, entendendo-se essa disparidade não só em termos de diferença como também de hierarquia.” (VILLAÇA, 1998 p.148).

Na expectativa de possibilitar a interface entre o ensino teórico, restrito às discussões e reflexões em sala de aula, a proposta de realizar um pequeno senso no *shopping center* foi muito bem aceita pelos alunos, que dedicaram-se, nas aulas seguintes, a escolher quais seriam

os dados de maior relevância a serem coletados e de que maneira poderiam auxiliar na compreensão dos processos de segregação socioespacial.

Elaboração da Pesquisa

A pesquisa teve como fundamento as metodologias qualitativas em ciências sociais, que propõem uma apreensão experiencial e intuitiva da realidade. Os trabalhos de campo exploratórios servem a essa apreensão experiencial, visto que eles são um movimento de abertura para exploração e aproximação do sujeito com o lugar de pesquisa, uma retomada da atenção perceptiva. Implica buscar uma imersão no contexto e dinâmica do local, adentrando nas redes socioespaciais e socioculturais ao identificar e absorver crenças, valores, atitudes e hábitos envolvidos depositados nas relações sociais (Minayo, 1994, p.53), bem como, compreender o envolvimento sujeito-lugar.

A operacionalização dos trabalhos de campo exploratórios envolve caminhar orientado pela apreensão da paisagem e dos ritmos espaço-temporais, permitindo que o lugar se revele. A aproximação com essa realidade a transforma em algo familiar o suficiente para que se possa relacionar-se com ela; ela ganha sentido e significado.

Reunidos em grupos menores, os alunos propuseram diferentes formas de abordagem e pensaram sobre diversas formas que poderiam colaborar no levantamento e posterior análise de dados. Vale destacar que a escolha dos indicadores, bem como respostas pré-estipuladas foram definidas pelos estudantes, não necessariamente seguindo as mesmas denominações ou critérios definidos por grandes instituições como IBGE, ONU etc.

Após discutir sobre as melhores estratégias, dois formulários para pesquisa foram elaborados, sendo um voltado ao “perfil” de visitantes / funcionários, incluindo dados como tempo de trabalho (para funcionários), frequência de visitas ao shopping (para visitantes), faixa etária, nível de instrução escolar, número de componentes no grupo familiar, renda própria, estado civil e etnia³; e outro às características da loja, incluindo categoria, público preferido, faixa de valores aproximada dos produtos comercializados, quantidade, gênero, faixa etária e etnia dos funcionários e funcionárias.

³ O termo “etnia” foi escolhido pelos estudantes, bem como sua classificação entre “parda”, “negra”, “branca” e “oriental”. Tanto o termo “cor de pele” quanto “preto” foram considerados racistas pela maioria dos estudantes.

É importante destacar que o processo educacional se expande consideravelmente nos trabalhos de campo quando é complementado por técnicas qualitativas envolvendo, por exemplo, a história de vida narrada ou contexto social dos envolvidos nas pesquisas, além de entrevistas não-diretivas ou semiestruturadas obtidas a partir da interação com os entrevistados, quando não existem perguntas estritamente fechadas, mas que são delineadoras da conversa, apresentando informações-chave a serem colocadas em questão, como observa CHIZZOTTI (2006). O objetivo não é obter uma série de dados estatísticos, mas sim, permitir a articulação entre os dados secundários e as conversas realizadas.

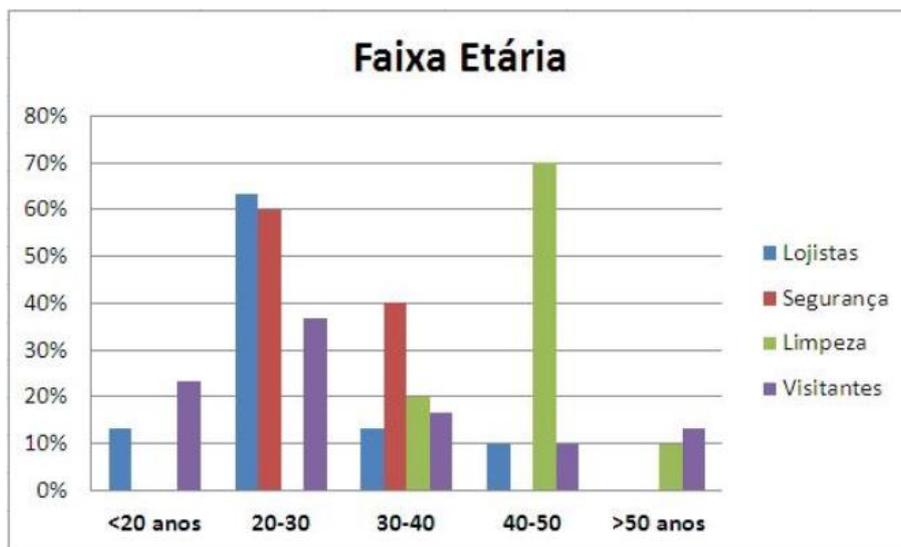
Divididos em cinco grupos, cada um composto por três alunos e alunas, a turma saiu pelo shopping a procura de visitantes (compradores) e funcionários, orientados a explicar que faziam parte de um grupo de estudantes em busca de informações sobre as relações sociais nos shoppings centers.

Uma das primeiras observações feitas em campo foi a unânime negativa das profissionais da limpeza em responder às perguntas feitas, assim como a postura inquisitiva dos profissionais da segurança que, quando abordados, comunicavam-se via rádio, possivelmente com supervisores ou uma eventual central de segurança, verificando permissões e autorizações que poderiam justificar a suspensão da pesquisa feita num exercício meramente pedagógico e educativo.

Após a coleta de dados, que levou cerca de três horas, os grupos reuniram-se para organizar os dados coletados e conversar sobre as impressões gerais, que serão devidamente abordadas. Orientados por mim, enquanto professor, os alunos tabularam as informações obtidas e, num segundo momento, com auxílio de softwares aos quais estão habituados, estruturaram a pesquisa na forma dos seguintes gráficos⁴:

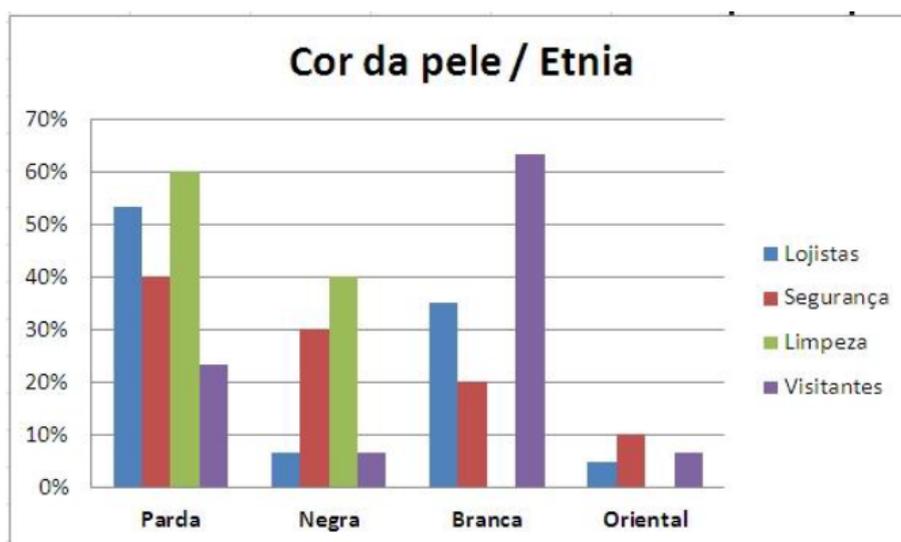
⁴ Uma vez que os profissionais da segurança e da limpeza recusaram-se a responder o questionário, os alunos responderam aos itens “etnia / cor da pele” e “faixa etária” baseados em uma estimativa ou aproximação mediante observação.

Gráfico 1 - Faixa Etária dos(as) entrevistados(as)



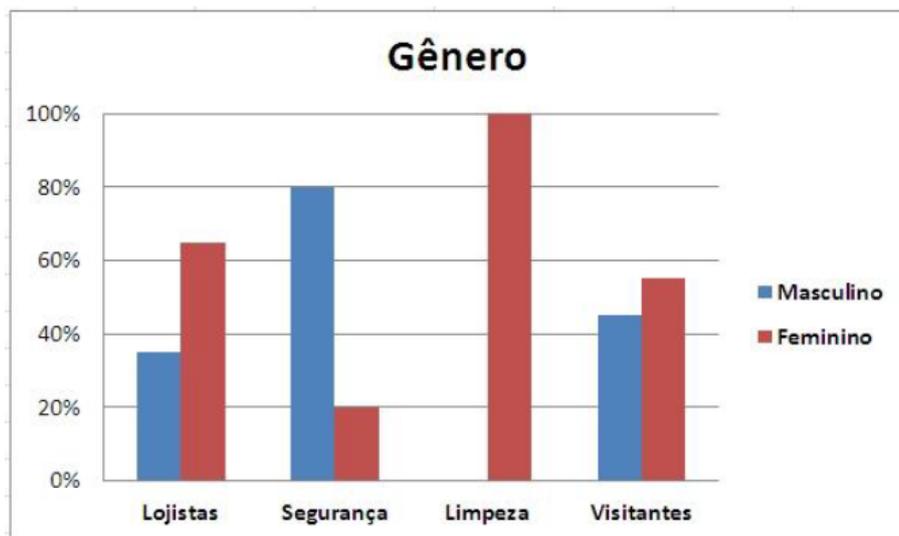
Fonte: dados da pesquisa de campo. Organização: Luis Felipe Valle. (2014)

Gráfico 2 – Cor da pele /Etnia dos(as) entrevistados(as)



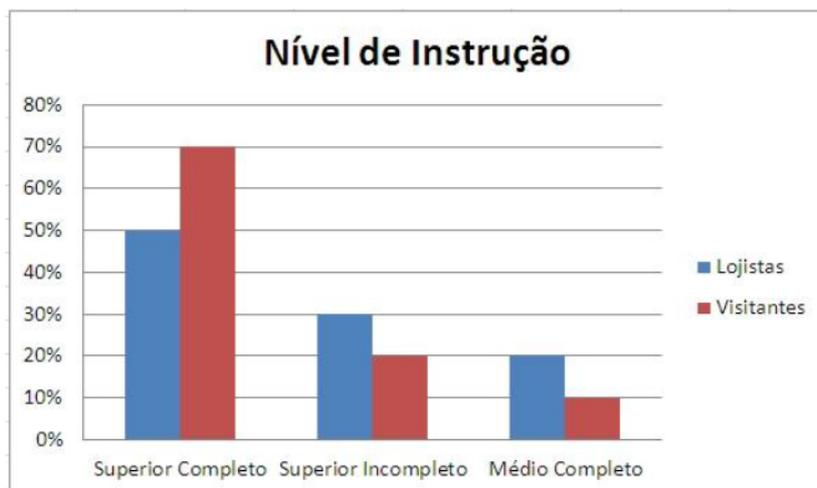
Fonte: dados da pesquisa de campo. Organização: Luis Felipe Valle. (2014)

Gráfico 3 – Gênero dos(as) entrevistados(as)



Fonte: dados da pesquisa de campo. Organização: Luis Felipe Valle. (2014)

Gráfico 4 – Nível de Instrução (escolaridade) dos(as) entrevistados(as)



Fonte: dados da pesquisa de campo. Organização: Luis Felipe Valle. (2014)

Gráfico 5 – Tempo de trabalho dos(as) lojistas entrevistados(as)



Fonte: dados da pesquisa de campo. Organização: Luis Felipe Valle. (2014)

Interpretação dos dados

Com base nos dados coletados, além de dados secundários colhidos durante as observações, numa última análise em grupo foi possível destacar os seguintes pontos:

- A maior parte dos lojistas e visitantes tem menos de 30 anos, enquanto as profissionais de limpeza têm mais de 40;
- Enquanto a maioria de mulheres em relação a homens entre os visitantes e lojistas é sutil, há um profundo contraste entre as profissionais de limpeza (todas mulheres) e profissionais de segurança (80% homens);
- A segregação racial é evidente ao constatar que as profissionais de limpeza são todas negras ou pardas, assim como as atendentes de lojas de menor prestígio social e que vendem produtos de menor valor;
- A mesma segregação foi observada nas lojas destinadas à classe alta (perfumarias, joalherias, lojas de artigos de luxo, decoração etc.), onde todas as atendentes observadas eram brancas;
- A comparação relacionada ao nível de instrução entre visitantes e profissionais foi prejudicada, uma vez que a totalidade de profissionais da limpeza e segurança recusou-se a responder;
- Nas lojas destinadas a classe baixa e/ou média, o tempo de trabalho dos lojistas é menor quando comparado às lojas destinadas à classe alta;

- A maior parte dos visitantes é composta por mulheres, que possuem renda própria superior a cinco salários mínimos e frequenta o shopping center entre 2 e 3 vezes por mês para compras, lazer e passeio;

- Ficou bastante nítida a condição subalterna das profissionais da limpeza, evidenciando fortemente a discriminação de mulheres negras ou pardas, com idade superior a 40 anos, no contexto profissional de um shopping center.

Considerações Finais

Segundo CAVALCANTI (2005), sobre a internalização, etapa necessária para a consolidação do aprendizado, trata-se de

“um processo de apropriação cultural específico, para a formação de um modo particular de pensar e de ver a realidade, um modo geográfico, com base no desenvolvimento de conceitos geográficos como ferramentas de um pensamento espacial. (...) o raciocínio geográfico só é construído pelos alunos se for encarado como tal, como um processo do aluno, que dele parte e nele se desenvolve.”

Nesse sentido, criar condições para a percepção das diferentes escalas de análise ao tratar de um tema como segregação socioespacial faz-se necessária para oportunizar ao estudante que passe a ver com outros olhos a realidade da qual faz parte – no caso um shopping center – sem que tenha, antes, percebido os fenômenos sociais, objetos de estudo da geografia, de que faz parte enquanto agente passivo e, na medida que deles se apropria, pode optar por escolher posturas e ações conscientes em relação ao espaço onde se insere.

A utilização do documentário “Hiato”, traçando um paralelo com a repercussão bastante atual dos “rolezinho” fez aflorar nos alunos uma sensação de pertencimento à realidade retratada pelos meios de comunicação, mas que, na maioria das vezes, parece inerte ao seu cotidiano e indiferente às suas percepções – o trabalho de campo permitiu vivenciar na prática tanto a observação dos fenômenos descritos quanto formular novas reflexões, hipóteses e propostas tendo como referência não um exemplo teórico ou generalista, mas palpável, dinâmico e empiricamente acessível.

Os recursos audiovisuais no fomento às reflexões e debates mostrou-se outra importante ferramenta para impedir que a mesmice tornasse as aulas improdutivas ou entediadas; pelo contrário, deram novo significado e sentido ao romper os limites do conteúdo numa abordagem cartesiana e possibilitar a incorporação da subjetividade individual na internalização do aprendizado.



Reconhecer no shopping center a possibilidade de uma análise socioeconômica realista, crítica e reflexiva inverte completamente o paradigma do conteudismo cartesiano, maçante e carente de significados para o aluno, empossando-o do sentimento de pertencer à sociedade em que está inserido, criando a responsabilidade coletiva e um caminho que permita a aplicação do repertório teórico-conceitual das salas de aula em suas vivências diárias.

Por fim, nenhuma dessas abordagens impossibilitou a conceituação teórica e a transmissão de informações mais técnicas, mas, pelo contrário, deu serventia a essas importantes ferramentas componentes da geografia, numa perspectiva de considerá-las não fim, mas meio de consolidar o verdadeiro aprendizado.

Uma vez imbuído do sentimento de pertencimento frente ao mundo que se propõe a estudar e compreender, o aluno transcende a visão de expectador e torna-se agente ativo da realidade que observa, assumindo que o conhecimento é meio de transformação daquilo que vê, sente, de que faz parte e que ajuda a construir.

Referências bibliográficas

CAVALCANTI, L., **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos**: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia, Cad. CEDES vol.25, nº66, Campinas, May/Aug. 2005 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000200004>

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais** 8ª ed.. São Paulo, SP: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa**. Editora, 36ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra. Coleção Saberes, 1996.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PINO, A. **A Interação Social: Perspectiva Sócio-Histórica**, São Paulo, SP: FDE, 1993.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. – São Paulo, SP. Nobel, 1987.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional**, São Paulo, SP: Editora EDUSP, 1994.

SILVA, Ana Maria R. S. **Trabalho de campo: prática andante de fazer Geografia**. XII Encontro Nacional de Geógrafos, João Pessoa, PB: 2002.



SOARES, Maria Lucia de Amorim. **Girassóis ou Heliantos: maneiras criadoras para o conhecer geográfico.** Sorocaba, SP: Prefeitura Municipal de Sorocaba, 2001.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil.** São Paulo, SP: Studio Nobel/FAPESP, 2001.

VYGOTSKY, Lev. **A Formação Social da Mente,** São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 2007

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1989

